

ARTISTAS

Catarina Botelho

Sem Título

Este projecto centra-se nas áreas limítrofes das vilas do Bombarral e Lourinhã. São zonas em que convivem diferentes tempos e modos de produção. Estes lugares de fronteira, de encontro entre o espaço urbanizado e os territórios que o circundam, são sobretudo terrenos baldios, mas também campos agrícolas e espaços industriais. Nestes territórios existe uma enorme proximidade entre o urbano e o que está para lá dele, interessou-me pensar a relação entre aquilo que é claramente edificado e projectado por seres humanos, as construções, e o que (ainda?) fica, aparentemente, fora desse processo de ocupação ou exploração. Simultaneamente interessam-me as fábricas de embalagem da pêra rocha, que me pareciam falar-nos de uma relação entre o espaço-tempo agrícola e o espaço-tempo industrial. Para realizar esta série recorri à prática de caminhada como método de aproximação ao território, desenhando com os meus passos as linhas de fronteiras das duas vilas.

Bio

A minha prática principal é como artista visual. Interessam-me as relações entre os espaços, lugares, arquitecturas, e os seus usos e vivências que desafiam as lógicas produtivistas. Talvez possa dizer que procuro na minha prática artística, e na minha vida, tempos e modos de estar que abram espaços de pensamento e observação dos ritmos próprios dos corpos, dos dias e das noites, da matéria de que são feitas as coisas.

O meu trabalho foi exposto em diferentes lugares como: Elba Benitez en Kvadrat, Madrid; Sesc Pinheiros, São Paulo; Villa Iris, Fundación Botín, Santander; Haus der Photographie, Hamburgo; Fundação Edp - Museu da Electricidade, Lisboa; Centre de Cultura SaNostra, Palma de Mallorca; Fundação Gulbenkian, Lisboa; Casa de Serralves – Fundação de Serralves, Porto; La Casa Encendida, Madrid. Nos últimos anos recebi bolsas da Fundación “La Caixa” e Fundação Gulbenkian. Em 2017 realizei o Programa de Estudos Independentes do MACBA Museu de Arte contemporâneo de Barcelona. Actualmente vivo entre Lisboa e Barcelona.

Fábio Cunha

Rua Fonte do Mundo

Rua Fonte do Mundo é o nome de uma rua, nome em que Fábio Cunha intuiu um ponto de partida, de facto, um ponto de vista sobre a rua e a fotografia. Atraído e guiado pela rua (meio-cego) por uma esperança irresistível: a de que ela nos mostrará a face desconhecida daquilo que procuramos. Essa face parece-se sempre connosco, mas não poderia ser substituída por um espelho. Só o mundo, a rua, a revela.

«A fotografia tal como aqui a vemos é assim um desporto de rua, um desporto apocalíptico. O de revelar como somos no que não somos. Eis o que estas imagens mostram. Uma ficção sobre a rua enquanto fonte a partir de alguns episódios de auto-

reconhecimento por ela possibilitados. Uma definição de fotografia. Génese, apocalipse.», Humberto Brito.

Bio

Fábio Cunha é fotógrafo e artista visual. Tem um mestrado em arquitectura pela Universidade do Porto (FAUP), obteve posteriormente o Mestrado em Fotografia na EFTI - Madrid.

Exibe regularmente desde 2014 em diferentes festivais, eventos e galerias de fotografia. Publicou o seu livro *Zona - An Investigation Report* em 2017, que recebeu o DOCfield Dummy Award Fundación Banco Sabadell - Barcelona, sendo seleccionado como um dos melhores livros do ano pelo PhotoEspaña. Recentemente recebeu o *Parallel Award* pela exposição colectiva *Urgent Arts of Living* na Kaunas Gallery na Lituânia no âmbito da Parallel Platform – 2.º ciclo. Realizou residências artísticas no contexto do festival Encontros da Imagem - Braga, Kaunas Artistic Residency – Lituânia e *Flâneur ao Centro* projecto de programação em rede da Procur.arte. Lecciona na ETIC, onde coordena o curso de fotografia. O seu trabalho encontra-se representado em colecções privadas e públicas.

Joshua Phillips

Restoration Works

Ernesto Korrodi e o seu trabalho na região de Leiria foram o ponto de partida para a pesquisa de Joshua Phillips durante esta residência.

Korrodi foi influenciado por movimentos que desenvolveram uma abordagem científica ao restauro e dedicou a sua carreira ao estudo e reconstrução de monumentos históricos. Phillips interessou-se por este conceito de restauro, que desenvolve como um motivo recorrente ao longo do seu projecto.

As fotografias da exposição exploram ainda outras ideias-chave da prática arquitectónica de Korrodi como estrutura e ornamento, superfície e profundidade, expressionismo e abstracção. Por exemplo, um conjunto de imagens criado a partir da sobreposição de fotografias de desenhos de azulejos e de fragmentos arquitectónicos deu origem a imagens compostas onde os padrões decorativos se cruzam com aspectos formais da fotografia.

Joshua Phillips utiliza a ideia de *flâneur* como um modo de orientar a sua pesquisa e responder visualmente às suas descobertas, moldando assim a sua experiência da cidade.

Bio

Joshua Phillips é um artista visual que trabalha em Londres e no Derbyshire, Reino Unido. O seu trabalho desenvolve-se a partir da fotografia, interacções *in situ* e realização de exposições. No centro da sua prática, encontramos uma reapropriação de formas existentes como meio de explorar ideias latentes e relações ocultas entre os objectos. Recentemente concluiu um projecto financiado pelo Arts Council England, que utiliza *software* digital para criar padrões repetidos como forma de explorar a representação do trabalho no movimento *Arts and Crafts* do séc. XIX.

Phillips fez parte do primeiro ano da PARALLEL Platform, durante o qual o seu trabalho foi apresentado no Photo London (2019), Trienal de Fotografia Hamburgo (2018), Landskrona Foto (2018) e Fotofestival Łódź (2018). Para além disso o seu trabalho também foi apresentado na Galeria South London (2020) e Liverpool Biennial Fringe (2016).

Róisín White

Tell me about something interesting you can see

Tell me about something interesting you can see é um trabalho criado a partir de histórias e desenhos partilhados com a artista por um grupo de crianças de Torres Vedras e arredores.

Róisín White inspirou-se nas diferentes perspectivas que as crianças têm da sua experiência dos lugares, nas suas diferentes necessidades e desejos, nos seus diferentes interesses. White trabalhou com 5 escolas primárias locais para ouvir as crianças, lançando desafios como «Conta-me algo sobre a história da tua cidade» ou «Desenha o que vês quando vais dar um passeio», criando uma colecção de testemunhos de 150 crianças. Com esse material, White criou um guia de Torres Vedras, tratando as respostas das crianças como um mapa do tesouro, uma aventura para a própria artista encontrar e descobrir locais e histórias. Reunindo e fotografando os marcos e lugares relatados e desenhados, criou um álbum de recortes, um diário de bordo de exploração feito através dos olhos das crianças.

Bio

Róisín White é uma artista visual de Dublin que trabalha principalmente com fotografia, desenho e escultura. Tem uma licenciatura em Fotografia do Dublin Institute of Technology e certificados em Cerâmica e Escultura do National College of Art and Design, Dublin. O trabalho de Róisín White parte de materiais de arquivo e procura criar um diálogo com histórias esquecidas, utilizando fotografia encontrada, desenhos e *ephemera*. Interessa-se pelas lendas, tradições e narrativas ficcionais descobertas em objectos e imagens descartados, por abalar concepções prévias e pelo novos significados que daí podem surgir.

O trabalho escultórico de Róisín procura encorajar a interacção e o sentido de jogo no espaço da galeria, em particular procurando o envolvimento com audiências mais jovens. Róisín White expôs o seu trabalho na Irlanda e em toda a Europa, com exposições individuais no The Library Project, The Darkroom, e Pallas Projects. Foi incluída em recentes projectos da Creative Europe, Parallel (European Photo Based Platform) e Futures (European Photography Platform). O seu trabalho está incluído em colecções nacionais e privadas irlandesas.